

Organizador

Vander Lúcio de Souza

***De primeiro
era assim:*
revelações do
vocabulário
de Águas
Vermelhas – MG**

Belo Horizonte

FALE/UFMG

2009

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lúcia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Revisão e normalização

Eduardo de Lima Soares

Formatação

Eduardo de Lima Soares

Revisão de provas

Flávia Gomes Xavier

Tatiana Alvarenga

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

e-mail:vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário**Apresentação . 5**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Língua e cultura . 7**Águas Vermelhas: breve história . 10****Dicionários consultados . 13****Organização dos verbetes . 15****Considerações . 17****Glossário . 20****Referências . 52**

Apresentação

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Ler *De primeiro era assim: revelações do vocabulário de Águas Vermelhas – MG*, de autoria de Vander Lúcio de Souza é viajar por uma parte de Minas Gerais, frequentemente citada, mas pouco estudada com rigor científico, por isso, é uma leitura que nos oferece ensinamentos e encantamentos.

Depois de dois anos de muita "conversa" com os habitantes de Águas Vermelhas, município do norte de Minas, foi seu intento realizar um trabalho que não fosse apenas mais um estudo da linguagem das Gerais, mas um estudo da língua portuguesa na área lexical, tendo como *corpus* esse pequeno município que faz fronteira com a mesorregião do Jequitinhonha e com o estado da Bahia. Desse modo dá uma grande contribuição e estímulo para outras pesquisas linguísticas nessa parte do território mineiro.

O trabalho moldou uma dissertação de mestrado, intitulada *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, defendida em março de 2008 na Faculdade de Letras da UFMG, na qual se estuda o vocabulário usado na região e se realiza um glossário com abonações constituídas pelas entrevistas orais.

No inventário realizado figuram cerca de 258 palavras, das quais 52,3% são dicionarizadas pelo *Novo Dicionário Aurélio* e 47,7% não são dicionarizadas por esse mesmo dicionário. Evidentemente, isso significa que essas palavras não foram encontradas nas obras que serviram de base de pesquisa para o *Aurélio*, mas, também, mostra a importância e vitalidade de um trabalho de campo *in loco* para o conhecimento da língua portuguesa falada em nosso território.

A pesquisa insere-se no GruMEL – Grupo Mineiro de Estudos do Léxico, sediado na Faculdade de Letras da UFMG, que congrega estudos do léxico com enfoque no estado de Minas Gerais.

É uma obra que permanece aberta para acréscimos e aprimoramento. Certamente, o próprio autor terá, em edições futuras, muitos outros lemas a nos oferecer, tamanha é a sua sensibilidade e amor a esse chão de Minas.

Língua e cultura

As crenças e costumes de um povo podem ser transmitidas e/ou identificadas por vários meios: de forma mais direta através da pintura, do artesanato, da dança e de outras manifestações artísticas e, de forma mais indireta, através da linguagem oral ou escrita. Nessa última modalidade, o léxico – conjunto de vocábulos de um sistema linguístico – é a área que melhor espelha a realidade linguística, cultural e social de um povo ou comunidade. É pela palavra que todos os conhecimentos, hábitos e costumes adquiridos ao longo do tempo são transmitidos às gerações posteriores. Segundo Biderman:

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua de sua língua.¹

A área dos estudos lexicais, relegada como segundo plano por longo tempo, a partir do final do século passado voltou a ser objeto de estudo de vários pesquisadores e instituições de pesquisas. A Lexicografia – campo dos estudos lexicais que tem como foco principal a elaboração de dicionários – passa por um grande impulso em face da crescente demanda provocada principalmente pelo processo de globalização e pelas rápidas transformações tecnológicas, científicas e humanas verificadas nos dias atuais.

De forma complementar aos dicionários, há também os glossários. Este tipo de obra, não menos importante que aqueles, destaca-se como um instrumento léxico de grande valor para o conhecimento da língua de um povo, pois, a partir de um vocabulário mais específico a certas localidades ou regiões de um território geográfico, se desvenda a riqueza linguística e cultural das pessoas do lugar. É a partir do somatório de vários glossários e de outras fontes linguísticas (literárias, metalinguísticas, etnográficas, orais etc.) coletadas por vários pesquisadores que um grande dicionário de língua é constituído.

¹ BIDERMAN. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*, p. 139.

Desde a época em que cursava a graduação e, pouco depois, ao fazer continuidade de estudos em Latim, o estudo das palavras – sua origem, mudanças, variações – despertou em mim o gosto pelos estudos lexicais. Esse gosto, aliado a um contato com a língua e a cultura de alguns municípios do norte de Minas e ainda a constatação de uma carência de estudos linguísticos que tratasse daquela região levou-me a estudar mais profundamente o léxico local, resultando em uma pesquisa de mestrado defendida em março de 2008 na FALE/UFMG e que tem como título *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*.

A primeira etapa dessa pesquisa consistiu de uma coleta de dados através de entrevistas com moradores do município de Águas Vermelhas – MG e a busca de informações sócio-histórico culturais sobre a região. Em seguida, com os dados já transcritos, veio a fase de análise quantitativa e qualitativa desse material linguístico e a discussão dos resultados. Em face da riqueza dos dados coletados e da dificuldade de entendimento de algumas lexias decidiu-se que seria muito útil a elaboração de um glossário, o qual foi inserido na parte final da dissertação. É esse glossário, elaborado a partir das entrevistas realizadas no ano de 2006, que apresentamos mais adiante a fim de que possamos conhecer um pouco mais da língua e da cultura das pessoas do lugar e que, em parte, são comuns a outras localidades da região norte de Minas Gerais. Outro propósito, ao elaborar esse glossário, é o de registrar formas linguísticas pouco usuais ou que caíram em desuso na língua portuguesa padrão como *acá, adonde, depois, dizer missa, luitando, pessuiu, entonce* e outras mais e que podem ser perdidas para sempre, dada a idade mais avançada dos entrevistados.

Para a elaboração desse glossário foram entrevistados 15 moradores do município citado, todos acima de 70 anos, de ambos os sexos e que eram analfabetos ou com baixa escolaridade. Foram entrevistados moradores em várias áreas do município, tanto da zona urbana quanto da zona rural – requisitos estes que atendiam à proposta da citada dissertação.

As entrevistas foram realizadas na casa dos próprios entrevistados, em conversa bem informal, sem questionários prontos e com temas do dia-a-dia, como costumes, casos, tradições, a lida no campo, entre muitos outros temas, a fim de que pudéssemos coletar dados que espelhassem de maneira mais fidedigna a realidade linguística e cultural dessas pessoas, como ensina Boléo:

O explorador de palavras locais ou regionais deve estabelecer bem no seu espírito o fato de que é ele quem deve se adaptar às conveniências do informante e não este às suas. Por conseguinte, servir-lhe-ão todos os lugares para fazer o inquérito, de que o informante esteja à vontade e haja o sossego suficiente. Chamá-los à pensão ou a casa onde habitamos a pretexto de que as casas do povo são pobres e tão pouco asseadas que não nos sentiríamos bem lá, é princípio que se deve pôr de lado, aceitando-o apenas quando de todo não puder deixar de ser. Convém não nos esquecermos de que o homem ou mulher do povo só está à vontade no seu meio próprio: a sua casa ou sítio onde trabalha é aí que devemos proceder ao inquérito, tanto mais que só desta maneira teremos ao nosso alcance um grande número de objetos do seu uso e que nos interessam.²

² BOLÉO *apud* SEABRA, p. 61.

Águas Vermelhas: breve história

O município de Águas Vermelhas, situado na região norte de Minas Gerais, faz fronteira com a mesorregião do Vale do Jequitinhonha e ainda com o estado da Bahia, conforme podemos ver no mapa a seguir:

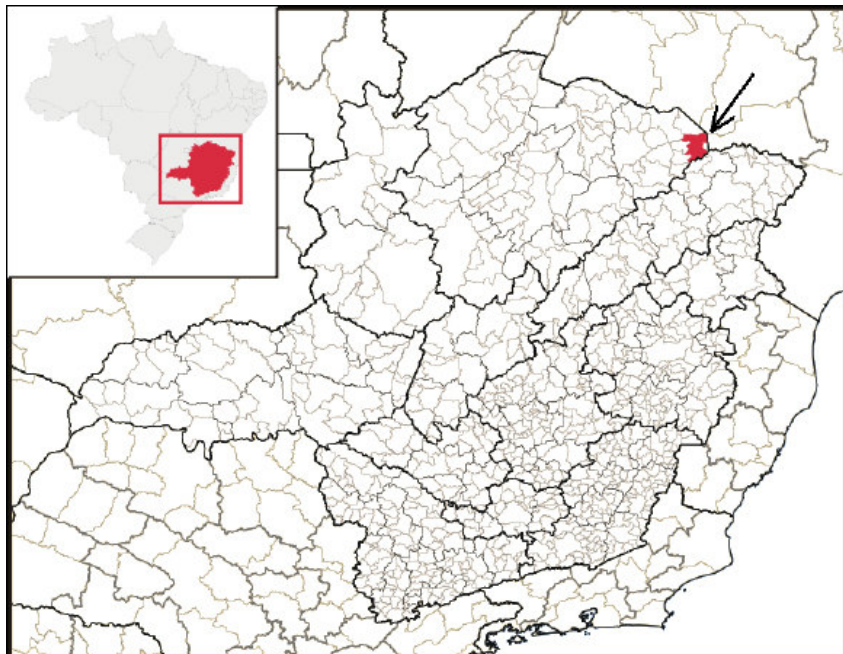


Figura 1 – Localização do município de Águas Vermelhas.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Águas_Vermelhas

Historicamente, a região foi alvo da investida de desbravadores desde meados do século XVI. De acordo com Vasconcelos, uma das primeiras entradas de desbravadores em nosso estado teria passado pela região onde hoje se localiza o município, por volta de 1554 – a entrada de Spinosa e Navarro, conforme podemos visualizar a seguir:

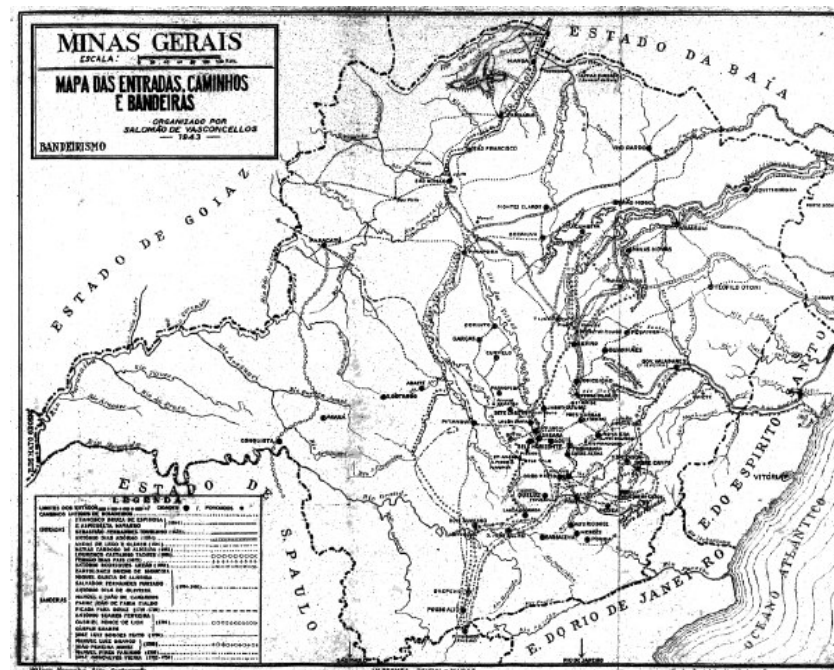


Figura 2 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras.
Fonte: VASCONCELOS. *Bandeirismo*, p. 345.

Desde o início do século XVIII várias rotas que ligavam alguns estados do Nordeste com as regiões mineradoras de Minas Gerais – para transporte de gado, alimentos, especiarias – passavam nas terras hoje pertencentes ao município. Essas rotas possibilitaram o surgimento de pousos de tropas que transitavam por ali e também o surgimento e/ou expansão das fazendas de gado na região, dando surgimento aos chamados "currais" que, mais tarde, levaram ao surgimento de vários municípios, dentre eles Águas Vermelhas. Tratando mais especificamente de Águas Vermelhas, a região onde se situa o município foi concedida como Sesmaria, pelo rei de Portugal, ao conde da Ponte – Manoel de Saldanha da Gama Melo e Torres Guedes Brito e a sua esposa, Condessa Joaquina de Castelo Branco (cf. Livro 2º do Tombo, Portugal). Em 1821, o casal vende parte dessa terra a Joaquim Gomes Quaresma que, em 1º de janeiro de 1844, conforme consta em escritura

do cartório de Águas Vermelhas, faz doação da propriedade ao padroeiro São Sebastião. O povoado, que surgiu de um "curral" às margens do rio Mosquito, tinha a denominação de São Sebastião de Águas Vermelhas e pertencia ao município de Rio Pardo. De acordo com Barbosa,³ em 1863 o povoado foi elevado a distrito, com a denominação de Água Vermelha (no singular) e em 1880 passa a fazer parte do município de Salinas, passando a se chamar Águas Vermelhas. Em 1962, o município obteve sua emancipação.

³ BARBOSA. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*, p. 19, 293.

Dicionários consultados

Em razão da existência de várias lexias estranhas à língua portuguesa culta no *corpus* pesquisado, optei por conferir em dicionários contemporâneos de língua portuguesa, em dicionários regionais e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência da forma coletada, a fim de observar seu registro em várias obras especializadas, ao longo do tempo. Para esse fim, foram selecionados: *Vocabulario portuguez e latino* (P. Raphael Bluteau), *Diccionario da língua portuguesa* (Antonio de Moraes Silva), *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (Laudelino Freire), *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira), *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (Antônio Geraldo da Cunha) e *O dialeto caipira* (Amadeu Amaral).

A escolha do *Vocabulario portuguez e latino* deu-se por dois motivos: ser este um dicionário que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até o início do século XVIII e, principalmente, por ser reconhecido pelos lexicógrafos como uma obra de referência nos estudos lexicográficos.

A opção pelo *Diccionario da lingua portuguesa* de Antônio de Moraes Silva deve-se ao fato de ser este o primeiro dicionário da língua portuguesa nos moldes da lexicografia moderna (registro de vocábulos usuais mais frequentes na língua oral e escrita, destacando os diferentes registros e as variações linguísticas) e que traz grande número de vocábulos não dicionarizados na obra de Bluteau.

Quanto aos dicionários contemporâneos, o dicionário de Laudelino Freire foi escolhido por ser obra de referência na primeira metade do século XX e por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, incluindo muitas locuções, expressões e brasileirismos. Quanto à opção pelo *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*, a razão é o fato de ser considerado um dicionário padrão da sociedade brasileira, contemplando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. Apresenta ainda grande

número de abonações de obras variadas, exemplificações a partir da linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.

A escolha do *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* teve como principal objetivo esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa, bem como identificar formas variantes surgidas ao longo do tempo e que poderiam coincidir com aquelas encontradas em nosso *corpus*.

Por último, a escolha do dicionário de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, teve como objetivo comparar os itens lexicais usados pelos nossos entrevistados com os lexemas que constam nesse dicionário, os quais segundo o autor representam o falar caipira.

Organização dos verbetes

No tocante ao suporte teórico e a organização e estruturação deste glossário, tomamos por referência vários autores que tratam sobre as questões relacionadas à lexicografia, dentre os quais citamos Werner, Haensch, Esquivel, Krieger, Biderman, Borba e outros (ver as obras consultadas nas referências).

A partir de obras dos autores citados listamos alguns procedimentos que devem ser apresentados a fim de sistematizar as entradas e caracterizá-las de forma mais homogênea, facilitando a sua compreensão:

- as entradas estão em ordem alfabética e impressas em negrito;
- os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, salvo aqueles casos em que há apenas a forma feminina ou plural, ao passo que os verbos estão no infinitivo;
- após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocabulário é dicionarizado no *Aurélio* (A); se não é dicionarizado em nenhum dos seis dicionários consultados (n/d); se não é dicionarizado no *Aurélio*, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A);
- a categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc;
- a definição da palavra foi construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes fazemos observações que se encontram entre parênteses;
- a frase de abonação (entre aspas) mostra como a palavra é usada na região estudada;
- quando aparece "Cf.", sugerimos que se veja a outra palavra indicada;
- ao final dos verbetes há a referência à localização das lexias nas entrevistas transcritas em *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*.⁴

⁴ SOUZA. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*.

A seguir apresentamos as abreviaturas e convenções usadas no glossário:

A – dicionarizado em *Aurélio*

n/A – não dicionarizado em *Aurélio*

n/d – não dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

s. – substantivo

v. – verbo

prep. – preposição

adv. – advérbio

loc. verb. – locução verbal

loc. adv. – locução adverbial

pron. int. – pronome interrogativo

interj. – interjeição

Cf. – conferir

Entr. – entrevistador

Inf. – informante

Fac. – facilitador

() – trecho incompreensível

(()) – comentário do transcritor

{ } – sobreposição de vozes

/ – truncamento, e distinção entre as falas do Entr. e do Inf.

* – hipótese

Considerações

Várias conclusões podem ser tiradas a partir de uma análise mais minuciosa dos 258 vocábulos que compõem este glossário, mas por ora apresentaremos apenas três, de caráter linguístico.

Primeiramente, podemos verificar a existência de um vocabulário conservador na fala dos entrevistados, contando inclusive com alguns casos de arcaísmos (*acá, adonde, alembro, alevantei, alumiava, depois, dizer missa, entonce, imbigo, luitando, pessuiu*), evidenciando, de certa forma, um isolamento de Águas Vermelhas em relação aos grandes centros urbanos. O vocábulo *acá*, segundo Cunha,⁵ aparece como variante de *aquí* e *cá* desde o português medieval. O vocábulo *adonde*, por sua vez, aparece na literatura em prosa do século XIV – *Cousas notáveis e milagres de Santo António de Lisboa* – conforme cita Huber.⁶ A lexia *alembro* aparece nos dicionários atuais como forma popular e, segundo Amaral,⁷ aparece na obra de Gil Vicente. Do mesmo modo, *alevantei* e *alumiava* são antigos na língua portuguesa, conforme consta em Cunha, e não são usuais na língua portuguesa padrão contemporânea. O vocábulo *depois* pode ser encontrado na obra de Camões e, desde muito, só é usado na fala popular, conforme cita Aurélio. Em relação à locução verbal *dizer missa*, somente o dicionário pesquisado de Bluteau dá a entrada grafada dessa forma. Era uma locução usual no século XV, conforme podemos ver nas *Chronicas breves e memórias avulsas de S. Cruz de Coimbra*,⁸ bem como em uma carta do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues, datada de 1549.⁹ O vocábulo *entonce* é documentado desde o século XIII, segundo Cunha, e hoje é visto como arcaísmo de acordo com o *Aurélio*. Quanto à lexia *imbigo*, a mesma é dicionarizada desta forma apenas no dicionário de Amadeu Amaral, embora apareçam variantes ortográficas nos dicionários de Bluteau, Morais e

⁵ CUNHA. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, p. 130.

⁶ HUBER. *Gramática do português antigo*, p. 297.

⁷ AMARAL. *O dialeto caipira*, p. 86.

⁸ PORTUGALIAE Monumenta Histórica.

⁹ COHEN *et alii*. Acervo BTLH – Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Linguística Histórica.

Cunha, sendo que esse último cita a lexia como documentada desde o século XIV na forma assimilada. *Luitando* também é antiga na língua portuguesa e aparece grafada dessa forma desde o século XIII, segundo Cunha. Atualmente é encontrada apenas na modalidade oral e normalmente no vocabulário de pessoas mais idosas e com baixa escolaridade. Em relação ao verbo *pessuiu*, o mesmo aparece dicionarizado apenas em Cunha, mas não como entrada e, sim, citado nas suas formas variantes. É documentado em formas similares como *pessoyr* desde o século XIV.

A segunda observação é que no glossário há a ocorrência de alguns vocábulos identificados por muitos lexicógrafos como de uso da Bahia e de outros estados do Nordeste (*agregado, badoque, cacimba, enfusar, izabelê, lambu, manaíba/maniva, manga, pé-de-bode*), fato explicável pela fronteira do município com o estado baiano e também pelo fato de Águas Vermelhas estar inserida em uma antiga rota de comércio (caminho do boi) entre Minas Gerais e outros estados do Nordeste desde o século XVIII.

Uma terceira constatação é que há um número relativamente grande de vocábulos que não foram encontrados nos dicionários consultados (109 ou 42,2%), entre os quais citamos apenas alguns: *água venença, antigório, aparrambado, cachimbar, cama-de-vara, catita, chimbar, comer boca, comunismo, culiar, dar lombo, enfuzado, enguentada, farinheira, feijão-catador, forra, mandruscada, Maria Tereza, mucado, paiosca, planta, quebra, traçadá, vultado*. A explicação para tal é que os entrevistados se utilizaram de muitas variantes fonológicas e também fizeram uso de lexias constantes no léxico português, mas que traziam outras acepções. Há ainda o fato de alguns vocábulos serem próprios da região, como *bicho-da-carneira, revoltoso, legalista, gengiroba, caindo pra idade, caixão-de-vara, cama-de-vara, casa-da-roda, mandacaru, rezeiro*.

Além das três conclusões de caráter linguístico citadas, o vocabulário apresentado evidencia a forte ligação do elemento humano com o mundo rural, com a fauna e flora da região,

com suas crenças e costumes e com a atividade da pecuária, presente na vida dos mesmos há várias gerações, o que vem confirmar a estreita relação entre língua e cultura.

Esperamos, portanto, que este glossário possa contribuir para um melhor conhecimento da língua utilizada pelas pessoas da região e, mais ainda, que possa revelar parte dos costumes, valores e tradições das pessoas do lugar, revelando quão rica é a cultura dos habitantes de Águas Vermelhas – MG.

Glossário

A

Acá (n/A) *adv.* Neste lugar. "... tudo era mato... *acá* tinha uma casinha nesse ponto" (Entr. 15, linha 6)

Acolá (A) *adv.* Lugar afastado, distante, outra parte. "Toda hora saía... saía um conjunto de gente né... cantando pelas casas né... cantava aqui cantava ali cantava *acolá*..." (Entr. 1, linha 455)

Adbençoar (n/d) *v.* Conceder proteção a alguém. Variante de abençoar (abençoa > adbençoar – redução de "há de abençoar"). "Deus que *adbençoar* o senhor também..." (Entr. 3, linha 228)

Adonde (A) *adv.* Em que lugar. Variante de aonde. "... num sei *adonde* que tá chovendo... num sei *adonde* que diz que o sol tá quente..." (Entr. 6, linha 365)

Aducar (n/d) *v.* Dar escolaridade a uma pessoa. Variante de educar (educar > aducar – caso de dissimilação). "... trabalhei muito... *adunquei* meus filho tudo... tem filho formado..." (Entr. 6, linha 200)

Agregado (A) *s.* Trabalhador rural que vive em terras que não são de sua propriedade. "... quem tinha suas fazenda dava a pessoa pra morar de *agregado*..." (Entr. 4, linha 597)

Água inglesa (n/d) *s.* Espécie de remédio indicado para mulheres que tiveram filho recentemente. Usado para combate a anemia e, também, como tônico revigorante. "... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... aguardente... (carnevan) pra pereba né... e bebia né... saúde das mulher e *água inglesa*..." (Entr. 6, linha 404)

Água venença (n/d) *s.* Espécie de remédio muito usado no combate à febre e resfriados. (alteração de Água Venence – caso de dissimilação) "... tinha a farmácia / só vendia era *água venença*..." (Entr. 6, linha 402)

Aguardente (A) *s.* Bebida alcóolica destilada da cana de açúcar. "... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... *aguardente*..." (Entr. 6, linha 403)

Alembrar (A) *v.* Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar (lembrar > alembrar – caso de prótese). "Eu *alembro*... um mucado eu *alembro*..." (Entr. 7, linha 9)

Alevantar (A) *v.* Colocar-se de pé. Variante de levantar (levantar > alevantar – caso de prótese). "... quebrei o resguardo... mas eu *alevantei* inflada de camisa..." (Entr. 3, linha 105)

Altura (A) *s.* Época da vida, idade. "... brincava bastante até uma *altura*... até uma *altura* eu brinquei..." (Entr. 5, linha 4)

Alumiar (A) *v.* Tornar claro um local. Variante de iluminar (*iluminar > ilumiar > alumiar – caso de síncope e dissimilação). Cf. **lumiar**. "... naquele tempo num tinha vela... alumiaava com azeite e cera do mato né..." (Entr. 6, linha 15)

Alvinha (n/A) *adj.* Que é clara, límpida, transparente. "...uma folha que tinha dentro d'água que ocê pisava assim... afundava... a água vinha... aquela água *alvinha*..." (Entr. 2, linha 151)

Amigalhar (n/d) *v.* Tornar-se amante de alguém, amancebar-se. Variante de amigar (amigar > amigalhar – caso de epêntese). "... e ela *amigalhou* com dezoito anos" (Entr. 2, linha 360)

Amorosa (A) *adj.* Que ama fazer alguma coisa, disposta, animada. "... era de minha casa pra fonte e pro meu quintal... num sou *amorosa* caminhar pra casa de ninguém não." (Entr. 3, linha 195)

Andu (A) *s.* Espécie de um legume ou vagem, de cor esverdeada, arredondada, similar a uma ervilha. "Nós plantava tudo né... nós plantava as mesma coisa de hoje... era manaíba... feijão... milho... é cacatua... *andu*..." (Entr. 5, linha 102)

Anté (n/d) *prep.* Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > anté – caso de epêntese). Cf. **inté**. "Foi a vida toda *anté* / apareceu esse sofrimento ni mim e eu parei de trabalhar." (Entr. 14, linha 98)

Antigório (n/d) *adj.* Que é antigo, distante no tempo. Variante de antigo (antigo > antigório – caso de paragoje). "... mas se o governo num fazer lei nós já vai pr'um caminho de ficar pior... nós já vai pr'aquela caminho *antigório* que era..." (Entr. 10, linha 328)

Antonte (n/A) *adv.* O dia que antecede ao de ontem. Variante de anteontem (anteontem > antontem > antonte – caso de síncope e apócope). "Essa semana mesmo eu fui lá duas vezes... eu fui lá *antonte* e fui ontem." (Entr. 11, linha 259)

Aparrambado (n/d) *s.* Grande quantidade, muitos. "É dez filho... ele tinha um *aparrambado* de menino pequeno ainda... ainda tinha um tanto né..." (Entr. 5, linha 150)

Aranhar (A) *v.* Trabalhar vagarosamente, trabalhar sem pressa. "... e nunca deixei também de tá *aranhando* meu serviçinho não..." (Entr. 8, linha 149)

Arapuca (A) *s.* Armadilha feita de pequenos pauzinhos em forma de pirâmide para apanhar pássaros. Cf. **urupuca**. "... amarrou uma corrente lá no carrinho lá e nos boi... aí arrastou igual uma *arapuca*." (Entr. 4, linha 675)

Arranchar (A) *v.* Estabelecer, morar. "... hoje eu tou *arranchado* aqui... como tou até hoje..." (Entr. 5, linha 58)

Arreado-de-cangaia (n/d) *s.* Conjunto de adereços utilizados em cavalos, bestas e mulas para o trabalho de carga. "... amarrava carga e mais cargas... lote-de-burro... o *arreado-de-cangaia*..." (Entr. 5, linha 472)

Arrear (A) *v.* Colocar os arreios em. "... montou numa bestona bonita diacho / *arreou* bem arreado... e chegou lá na beira do rio..." (Entr. 4, linha 476)

Arrepresentar (n/d) *v.* Dar a conhecer. Variante de apresentar (apresentar > arrepresentar – caso de epêntese). "Ah... o namoro de antigamente a moça só casava com vinte e cinco anos e assim mesmo num *arrepresentava* o rapaz." (Entr. 7, linha 93)

Arribar (A) *v.* Levantar, erguer. "... fazia armadilha de cá e agora *arribava* aquela vara e armava..." (Entr. 7, linha 259)

Arrieiro (A) *s.* Aquele que trabalha com tropas de burro, tropeiro. "... bota um lote-de-burro nesse asfalto e vê se ele acha quem vai trabalhar de *arrieiro*." (Entr. 5, linha 507)

Assombramento (A) *s.* O mesmo que assombração, fantasma. "... eu nunca vi não mas... o povo contava muito esses caso de *assombramento* né..." (Entr. 4, linha 547)

Assuntar (A) *v.* Prestar atenção; observar. "Pois é... cê vai *assuntando* ó... ele arribou cedo e viajou... meio dia derrubou... e tornou arribar outra vez meio dia..." (Entr. 5, linha 490)

Atropelar (n/d) *v.* Roubar, furtar. "... eu já passei na barba da morte porque... eu já fui *atropelado* por um ladrão / eu requeri ele... o que eu fui *atropelado* por gente de olho grande querendo tomar o que eu tinha... eu num quis entregar porque... enfrentei com eles..." (Entr. 10, linha 307)

Avexado (A) *adj.* Que é envergonhado, acanhado. "... se eu gostei das menina... eu nunca namorei... eu muito *avexado*... eu num podia dar decisão nenhuma..." (Entr. 4, linha 56)

Avultado (A) *adj.* Relativo a volumoso, quantidade maior. "... tem hora que a gente vai com o dinheiro mais *avultado* pro armazém ou prum açougue e... e... num dá pra nada..." (Entr. 8, linha 183)

B

Badoque (A) *s.* Atiradeira; variante de bodoque (bodoque > badoque – caso de dissimilação). Entr.: "Quando o senhor era pequeno o senhor caçava também?" / Inf.: "Caçava". / Entr.: "É mesmo?!" / Inf.: "Era *badoque* ((risos))" / Entr.: "Ah!" / Inf.: "Era *badoque* de linha". (Entr. 7, linha 250)

Barrer (A) *v.* Varrer, limpar com vassoura. Variante de varrer (varrer > barrer – caso de bilabialização). "... lavo uma roupa lavo um prato *barro* casa... *barro* terreiro." (Entr. 8, linha 9)

Barroca (A) *s.* Vala, buraco. "... o carro virou... também caiu dentro de uma *barroca*..." (Entr. 4, linha 664)

Batistério (n/d) s. A cerimônia de batismo, batizado. "... o povo era tão simples... todo mundo... só o padre que dava *batis-tério*... dali ninguém sabia... num perguntava..." (Entr. 12, linha 3)

Beijaiada (n/d) s. Ação ou resultado da ação de beijar. "Agora a gente vê essas *beijaiada* tudo nojenta... é um nojo..." (Entr. 15, linha 69)

Beiju (A) s. Massa de farinha de mandioca cozida no forno e servida em formato de placas do tamanho da palma da mão e bem crocantes. "... aqui era um areão só... nós fazia aqueles fornão de areia né... e fazia *beiju* dentro..." (Entr. 15, linha 52)

Bestagem (A) s. Besteira, asneira. "... o médico falou: 'Deixa de *bestagem* dona Maria! ...o homem num vai morrer não!'" (Entr. 7, linha 345)

Bicho-da-carneira (n/d) s. Caso de assombração difundido em Pedra Azul (MG). Trata-se de um falecido que reaparece para as pessoas em forma de bichos como cachorro, porco, jegue etc. "o povo fala que tem... esse *bicho-da-carneira*... os povo fala isso... que tem né..." (Entr. 8, linha 209) "Tem um tal de homem de Pedra Azul que chama Joaquim Antunes... diz que ele chama *bicho-da-carneira*..." (Entr. 9, linha 107)

Birro (n/d) s. Peça usada para fazer rendas de almofada. Variante de bilro (bilro > birro – caso de assimilação regressiva). "Agora eu num faço... de primeiro quando eu fazia os *birro*..." (Entr. 6, linha 65) "... o cara lá que fazia os *birro*... nos torno né... de madeira né..." (Entr. 6, linha 65)

Bodocar (n/d) v. Ação de atirar com bodoque. "Ah naquele tempo num tinha o que fazer não! ... (brinquedo) era *bodocar*... fazer urupuca né..." (Entr. 1, linha 101)

Boi-janeiro (n/d) s. Indivíduo que se veste de boi e sai pelas ruas, seguido pelas pessoas, no mês de janeiro. "Vestia e saía andando pelas rua com essa Maria Tereza e *boi-janeiro* e o povo atrás." (Entr. 15, linha 230)

Boiadeiro (A) s. Indivíduo que guia os bois nas estradas para alcançarem novas pastagens ou serem vendidos nos mercados.

"... era *boiadeiro*... o *boiadeiro* é que toca / tocava o gado na estrada..." (Entr. 5, linha 539)

Boneca (A) s. Espiga de milho ainda nova. "... que as rocinha que nós faz num... e olha porque tá de noite e eu () chamar o senhor pro senhor ver meu quintal aí... é... é um () de terreno... tá todo papado no meio e banana e... cana mandioca... é... mas tudo () ...tá tudo crescidinho assim esperando secar... e já tá todo empenhado já com as *boneca*." (Entr. 7, linha 292)

Boqueirão (A) s. Abertura larga entre montes onde o terreno é propício ao cultivo de roça. "... fui aí num *boqueirão*... eu tinha roça... três roça num *boqueirão* aí..." (Entr. 7, linha 351)

Botar sentido (n/d) *loc. verb.* Prestar atenção; observar ou escutar algo cuidadosamente. "... botaram duas mulher solteira pra *botar sentido*..." (Entr. 6, linha 456)

Bramura (n/d) s. Bagunça; diabrura. "... eles passou só naqueles meio aí do Berizal aí ó... eles fizeram muita *bramura* aí." (Entr. 4, linha 456) "Ô moço... quando eu era menino eu recordo de algumas coisa... e eu fazia bastante *bramura* né..." (Entr. 5, linha 4)

Bravar (n/d) v. Gabar; sentir-se superior. "É... e... ainda saiu *bravando* aí... isso porque ele num disse nada né... dissesse qualquer coisa... ainda saiu gabando..." (Entr. 4, linha 485)

Brocotó (A) s. Terreno ruim, muito irregular, de mata seca e que dificulta o caminhar. "... hoje que eu num vou mais... que eu num guento mais ir nesses *brocotó*... mais caçar essas coisas..." (Entr. 4, linha 368)

Buguelão (n/d) s. Olhos grandes e arregalados. "... se andar com fé em Deus aqui ele num passa... () que chegou dois *buguelão*... preto assim... () ... tem parente dele aqui... ele fala que é pra comer... os parente comer... daí comer numa redondeza de dez léguas... ele tá eternado lá... ele num acabou não... ele andava aqui... feito uma roda de carretão... dois olho assim..." (Entr. 6, linha 454)

C

Caboclo (A) s. Índio ou descendente de índios. "... meu pai era folgado (engraçado) a *caboclo*... a mãe dele foi pegada até de cachorro... meu pai era *caboclo*... agora minha mãe não..." (Entr. 8, linha 107)

Cabrocha (A) s. Mulata nova, moça mestiça. "Sem mulher num vou ficar / arrumo uma *cabrocha* / nem que seja um pururu / tem de lá da banda nova / ou então da banda sul / está tudo azul." (Entr. 6, linha 126)

Cacatua (A) s. Espécie de ave branca, da família dos papagaios. ...era manaíba... feijão... milho... é *cacatua*..." (Entr. 5, linha 101)

Cacettino (A) s. Bastão de madeira, bengala. "... ocê pode ir rompendo que eu vou com o *cacettino* e Deus me ajuda que eu chego lá..." (Entr. 7, linha 377)

Cachaça (A) s. Aguardente extraída da cana de açúcar; pinga. "... era divertido demais moço... e ês tinha uma *cachaça* pura..." (Entr. 1, linha 464)

Cachimbar (n/d) v. Mancar; andar meio torto. Cf. **chimbando**. "... ela era morena... ela andava assim... meio *cachimbando* né..." (Entr. 6, linha 372)

Cacimba (A) s. Cova feita em lugares úmidos onde se acumula água. "Esse rio... ele era um rio muito limpo... ninguém fazia panhar água em *cacimba*... só panhava no rio..." (Entr. 12, linha 68)

Cacunda (A) s. Costas, dorso. "... por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí... porque... que eu carreguei até na minha *cacunda*." (Entr. 4, linha 83)

Cadê (A) *pron. int.* Onde está; quede. "... ela falou: '*Cadê* a menina?... ela passou melhor?'" (Entr. 6, linha 411)

Caindo pra idade (n/d) *loc. verb.* Envelhecendo, adquirindo mais idade. "... enquanto eu tava aguentando eu ainda tava trabalhando... depois que eu fui *caindo pra idade* aí eu não trabalhei mais não..." (Entr. 8, linha 7)

Caititu (A) s. O mesmo que porco-do-mato. "Tinha jacu... tinha izabelê... tinha *caititu*... tinha... aí já num é pássaro... é animal..." (Entr. 5, linha 650)

Caixão-de-vara (n/d) s. Espécie de uma mesa feita de tábuas finas, porém sem os pés. "Esse boi janeiro é um homem... que a gente coloca dentro de / faz um *caixão-de-vara*... como se fosse / como essa mesa né... igual essa mesa tá aí..." (Entr. 5, linha 371)

Calundum (n/d) s. Espécie de arbusto encontrado geralmente no cerrado e na caatinga. "... isso aqui era só mato... aquele matagal... só tinha aqueles *calundum*..." (Entr. 2, linha 50)

Cama-de-vara (n/d) s. Cama rústica feita de varas. "É... e *cama-de-vara*... com umas teinha velha de tapuia até ()." (Entr. 7, linha 57)

Camarada (A) s. Indivíduo empregado para serviços variados nas fazendas. "... então quando eu morava mais meus pais... quando era no tempo de fazer roça... ele num / era fraquinho... nós tudo fraquinho... ele num podia botar um *camarada*... era nós era mulher era homem..." (Entr. 7, linha 267)

Campa (n/d) s. Espécie de mala antiga, usada pelos vendedores ambulantes. "As mala tinha... tinha um lugar de botar candieiro... botar tudo pra sair vendendo... era diferente... a outra era mais diferente um pouco... chamava *campa*... () põe o candieiro de um lado... põe um trem do outro e deixa encher de coisa." (Entr. 15, linha 38)

Campesta (n/d) s. Campo de vegetação rala e seca. "Aí virou essa *campesta* desse jeito aí ó... num chove... tem época que a chuva vem curta né..." (Entr. 5, linha 678)

Cancela (A) s. Portão, geralmente feito de ripas ou tábuas distanciadas uma das outras. "... meu pai depois que chegava da roça... de tardinha... ele ia fazer aquelas *cancela* pra botar nas divisão dos curral..." (Entr. 5, linha 15)

Candeia (A) s. Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. "É... *candeia*... naquele tempo num tinha vela... alumiava com azeite e cera do mato né..." (Entr. 6, linha 15)

Candieiro (A) s. objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. "É... hoje é... e antigamente ocê amanhecia o dia aí tranquilo... com os *candieiro* aceso assim ó... amarrado lá em cima na telha..." (Entr. 7, linha 188)

Canga (A) s. Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro de boi. "... chama carro de boi... aí pegava uma parêlhona de boi... enfiava a *canga* no cangote do bicho..." (Entr. 1, linha 577)

Canoeiro (A) s. Indivíduo que dirige uma canoa e vive desse ofício. "... então as pessoas contador dessas estória... era esses homem... era o *canoeiro* que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse..." (Entr. 5, linha 537)

Capadão (A) s. Porco grande e castrado para engorda. "... ês chegava aqui / aqueles *capadão* gordo / naquele tempo tinha fartura demais... atirava na cacunda de um porco..." (Entr. 12, linha 227)

Capanga (A) s. Espécie de bolsa rústica, geralmente de couro, que os caçadores levam quando saem para caçar. "... a pessoa panhava uma espingarda... dava uma voltinha... quando pensava que não enchia a *capanga*..." (Entr. 4, linha 298)

Capenga (n/d) *adj.* Relativo a alguém ou alguma coisa pobre, de pouco valor. "... ali tinha um mercado... mercado *capenga*... ocê precisa de ver..." (Entr. 2, linha 100)

Capoeira (A) s. Lugar onde o mato cresceu após a derrubada da mata original. "... isso aqui era um matão... esquisito... que tinha aqui... aquela *capoeira* esquisita que tinha aqui tudo." (Entr. 14, linha 229)

Carapina (A) s. Aquele que trabalha com a madeira; carpinteiro. "Era de madeira e barro... o (sujeito) enchia de madeira assim e embarriava né... e as portas... arrumava um *carapina* ()..." (Entr. 1, linha 398)

Carneira ~ carneirinho (A) s. Cova, lápide da sepultura. "... aí o moço diz que todo ano essa *carneira* pocava e saía aquele fio de cabelo na/no caixão da *carneira* né." (Entr. 7, linha 470) "é falava *carneirinho*... enterrava o povo e levantava

aquelas *carneirinha*... chamava *carneirinha*." (Entr. 2, linha 128)

Carrancismo (A) s. Apego ao passado; aversão à mudança. "O filho quer ensinar o pai... e de primeiro num tinha isso né... então isso é o que eu quero dizer... mais *carrancismo* pra trás que eu não alcancei..." (Entr. 5, linha 432)

Carreira (A) s. Corrida, correria. "... ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... com pouco ele chegou aqui na *carreira*..." (Entr. 2, linha 566)

Carreiro (A) s. Estrada, caminho; trilha feita no mato. "Num tinha rodagem não... aí moço () de madeira... o povo fazendo aqueles *carreiro* velho... cortava de machado e limpando..." (Entr. 1, linha 348)

Casa-da-roda (n/d) s. Lugar apropriado onde se produz a farinha de mandioca. "... que eu morava mais uma mulher... aí nós tava até na *casa-da-roda* labutando com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno..." (Entr. 8, linha 244)

Catinga (A) s. Região onde a vegetação é caracterizada por árvores baixas e retorcidas, com poucas folhas e espinhentas. "... cabou as mata!... é tudo / só virou sertão velho que nem as *catunga* cabou... é." (Entr. 7, linha 281)

Catita (n/d) s. Feridas que aparecem no corpo das pessoas. "A pessoa adoecia... ficava esmagrecendo... dava umas pereba nas pernas do povo... chamava *catita*..." (Entr. 1, linha 617)

Cativeiro (A) s. Condição de cativo; escravo. "... aqueles que morava lá no arraial / já tinha nós que morava lá pros recanto... como *cativeiro*... tinha nós como *cativeiro*... precisava deles nós era *cativeiro*..." (Entr. 10, linha 249)

Catuá (n/A) s. Espécie de árvore, de madeira muito apreciada. "... tinha braúna... tinha caboclo... tinha *catuá*... que era as madeira de lei que tinha né..." (Entr. 5, linha 644)

Causo (A) s. História, conto, fato. "... essa meninada aí da escola... quando eles quer fazer um trabalho difícil sobre *causo* da cidade... eles vem pr'aqui..." (Entr. 7, linha 421)

Cerca-de-vara (n/d) s. Cerca feita de varas finas extraídas das matas. "É... e fazendo *cerca-de-vara*". Entr.: "Cerca-

de-vara?" Inf.: "É... porque num tinha condição de fazer outra cerca né..." (Entr. 7, linha 46)

Chimbar (n/d) v. Mancar; andar meio torto. Cf. **cachimbar**. "... quando ela vai fazer exame... que ela é meio adoentada... passa *chimbando* uma perna..." (Entr. 2, linha 263)

Chinetinho (n/d) s. pedaços de pau finos e compridos. "...naquele tempo qu'eu vim pr'aqui num tinha... num tinha essas coisa não... a minha casinha mesmo quando eu casei... era feita só de *chinetinho*... pegava aqueles pauzinho... abria cá... e juntava todos pauzinho assim ó..." (Entr. 2, linha 112)

Chumbar (A) v. Embriagar, embebedar. "...o povo de vez em quando tomava uma pinguinha... mas num bebia que nem hoje pra *chumbar* não..." (Entr. 1, linha 465)

Coivara (A) s. Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. "...ês jogava os cavaco tudo em cima... das *coivara* né..." (Entr. 6, linha 258)

Com pouco (n/d) loc. adv. Daí a pouco, logo depois. "... ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... *com pouco* ele chegou aqui na carreira..." (Entr. 2, linha 565)

Come e bebe (n/d) s. Festa ou encontro de amigos, regada de comida e bebida. "{Um forró...} fazia um forró... um churrasco né." / Entr.: "Ah... sei." / Inf.: "Um *come e bebe* e... aquelas brincadeira né..." (Entr. 4, linha 112)

Comer boca (n/d) loc. verb. O mesmo que beijar na boca. "... mas num tinha essa história de abraçar beijar que nem eu vejo agora... *comer boca* como diz assim..." (Entr. 8, linha 52)

Comunismo (n/d) s. Bagunça, briga, confusão. "Num tinha festa religiosa não... tinha a festa do *comunismo*." / Entr.: "Festa do comunismo?" / Inf.: "Sim". / Entr.: "Como que era isso?" / Inf.: "É a festa do *comunismo*... fulano vai lá em () e vai... 'Ocê vai fulano?'... 'Vou vou'... 'Aprepare!'... nós ia tudo... chegava lá era uma cachaçada... era um pau () de fora a fora... era bater num' sos' outros aleijando e brigando... a festa só acabava em briga." (Entr. 10, linha 259)

Conto (A) s. Dinheiro, moeda sem valor específico. "... se pagar um camarada todo dia dez quinze *conto* pro camarada a lavoura num dá pra pagar..." (Entr. 10, linha 478)

Coronel (A) s. Chefe político no interior do Brasil e geralmente detentor de grandes riquezas em sua região. "Cabou negócio de *coronel*... cabou... quando parece um é ()... num faz nada que presta mais não..." (Entr. 12, linha 486)

Culiar (n/d) v. Combinar, ajustar, coligar. "... aí eles *culiou* mais o outro moço... quando ele subiu lá pra cima... garrou no sono... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo..." (Entr. 4, linha 417)

Cuma ~ cume (n/d) pron. int. Variante de como. Entr.: "E o rio aqui... como era esse rio?" / Inf.: "*Cuma?*" (Entr. 12, linha 64) "Fac.:... pa ganhar neném como que era... que eles fazia?" / Inf.: "*Cume?*" (Entr. 3, linha 75)

Curral-de-vara (n/d) s. Curral mais rústico, feito de varas ou tábuas irregulares. "... outra hora fazia um *curral-de-vara*... lá em... () fincando ()... fincava naquelas cerquinha dessa altura assim... de pedacinho de vara né..." (Entr. 4, linha 30)

Currião (n/d) s. Correria, fuga. "Esse povo eu não sei... mãe diz que ês chegou aqui... disse que teve um *currião*... papai levou um mucado de gente pro mato..." (Entr. 15, linha 191)

D

Dar lombo (n/d) loc. verb. Dar descanso aos animais no intervalo de uma jornada de trabalho. "... o sujeito arribava cedo... viajava... meio dia derrubava pra ele almoçar e *dar lombo* os animal... e os animale também comer..." (Entr. 5, linha 486)

De comer (A) s. Comida, provisão de comida. "... aí ... jogou esse *de comer* tudo pra lá e fez essa nega fazer outros *de comer*..." (Entr. 4, linha 434)

De junto (n/A) loc. adv. Junto, próximo. "... uma enfuzada morou aqui *de junto* da gente ó..." (Entr. 6, linha 390) "... num

tinha direito de ficar *de junto* uns dos os'outros não..." (Entr. 12, linha 148)

De pouco (n/d) *loc. adv.* Há pouco, agorinha. "Era bonito... ocê vê quando o rio enche fica um trem bonito... agora mesmo... *de pouco* que choveu..." (Entr. 8, linha 119)

De primeiro (n/A) *loc. adv.* Antigamente; outrora. "O forró... *de primeiro*... num tinha esse negócio de... de... mulher num dançava não..." (Entr. 4, linha 100)

Deferençar (n/d) *v.* Modificar, mudar. Variante de diferenciar (diferenciar > deferençar – caso de assimilação e síncope). "... no escuro nós num via não... é... aí foi... moço... daí a pouco foi *deferençando* o tempo... foi *deferençando deferençando* até a hora que nós enxergou a luz do dia..." (Entr. 7, linha 318)

Derradeira (A) *adj.* Relativo a última, a mais nova. "É... quando casa *derradeira* tinha esse uso... num sabe não?" (Entr. 13, linha 152)

Desapiar (A) *v.* Descer de; apear. "... aí eu falei: 'Ô fulano vamo *desapiar*'...aí o boi só ficou fungando..." (Entr. 7, linha 316)

Desmantelar (A) *v.* Desmanchar; destruir. "... essa lapinha era do mato... tinha o cruzeiro... depois que foi aumentando as casa *desmantelou* a lapinha... depois uma igreja..." (Entr. 15, linha 4)

Despois (A) *adv.* Que vem logo a seguir. Variante de depois (depois > despois – caso de epêntese). "... agora *despois* que o povo acabou com a floresta virou essa campina..." (Entr. 4, linha 282)

Desterrar (A) *v.* Largar a terra natal; ir embora. "... umas casou... morreu logo... outras *desterrou* pra outro canto..." (Entr. 4, linha 90)

Deu por fé (n/A) *loc. verb.* Perceber; notar. "... fizeram aquele rebuçado de capim... () capim... botou fogo... e o fogo trançou lá nesse paiol... e ()... quando *deu por fé* tava aquela fogueira medonha..." (Entr. 4, linha 419)

Devera (n/d) *adv.* Realmente, com certeza. Variante de deveras (deveras > devera – caso de apócope). "... Ô meu filho

foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa que nem um porco... representa que nem um jegue... 'Ô pois eu topei um jegue"... e lá num tinha jegue... pois foi ele... foi ele *devera*..." (Entr. 12, linha 275)

Diacho (A) *interj.* Diabo. "... e chegou lá na beira do rio / revoltoso encheu... falou: 'Ê *diacho*... agora nós num... / como é que nós passa nesse rio?'" (Entr. 4, linha 477)

Dispensa (A) *s.* Compartimento ou cômodo da casa onde se guardam alimentos. Variante de despensa (despensa > dispensa – caso de dissimilação). "... então ela num deixava que nós menina entrasse na *dispensa*... porque era *dispensa* né... e era muita carne..." (Entr. 2, linha 305)

Dizer missa (n/A) *loc. verb.* Rezar. "... e chorando... e chamava o pai pra *dizer missa* ou oração..." (Entr. 8, linha 233)

E

Em ante (n/d) *loc. adv.* Antes, anteriormente. "... mas *em ante* dessa barragem aí esse rio dava enchente de fazer medo viu?" (Entr. 4, linha 231)

Embuçar (A) *v.* Cobrir, enrolar. "... num couro daquele dormia quatro cinco menino... tudo embolado... *embuçado* com uma coberta só..." (Entr. 5, linha 461)

Embunecar (A) *v.* Formar espigas. "É... o milhozinho tá desse tamanho ó... já ta empenando e *embunecando*." (Entr. 8, linha 127)

Encacimbar (n/d) *v.* Formar cacimbas; formar poços de água ao lado do rio. Entr.: "Rio Pardo?" / Inf.: "Esse lá é respeitado... esse vem... pega lá com o mar e vem pra'qui tudo e *encacimba*..." (Entr. 12, linha 87)

Encarcar (n/d) *v.* Encalacrar; se dar mal (encalacrar > encacar > encarcar – casos de síncope e hipértese). "... o médico me viu com esse pé inchado lá... 'É senhor ((nome)) o senhor tá com o pé inchado!'... eu falei: '() não senhor doutor'... ele: 'Tá'...

puxou... num confiou em mim... puxou a calça até cá em cima... *encarcou* () e falou: '() e osso...!...' (Entr. 4, linha 363)

Enfermagem (n/d) s. Enfermidade, doença. "Depois de velha... que eu tou com essas *enfermagem*..." (Entr. 2, linha 756)

Enfornar (n/d) v. Esconder-se; isolar-se. "... Ah agora que ocê veio saber?... lá que ocê *enfornou*... lá ocê fica *enfornado*... lá num vou não." (Entr. 12, linha 508)

Enfuazado (n/d) *adj.* Bravo, arredio. "... meu pai veio aqui e tinha um cavalo muito *enfuazado*..." (Entr. 4, linha 625)

Enfusada (n/d) *adj.* Diz-se de pessoa mal amada, de gênio ruim. "... uma *enfusada* morou aqui de junto da gente ó... é *enfusada*..." (Entr. 6, linha 390)

Enfusar (A) v. Se dar mal; dar com os burros n'água. "{E pobre de ((nome)) casou} com uma tal de ((nome)) e *enfusou* né..." (Entr. 6, linha 390)

Engramar (n/d) v. Crescer, tornar-se grama. "... o primeiro ano ele sai aquela força... o gado comeu... cabou... volta pra terra... só fica na cova do capim... o capim não *engrama*..." (Entr. 5, linha 286)

Enguentada (n/d) s. Raizada; mistura de várias plantas medicinais. "... e era tudo quanto é remédio / remédio de horta... era... era... (mentraço)... fazia assim aquela *enguentada* e cozinava pra gente beber." (Entr. 8, linha 97)

Enrabar (A) v. Perseguir; correr atrás. Entr.: "E os moleque... tem medo?" / Inf.: "Os moleque... do boi tem porque o boi *enraba*." (Entr. 7, linha 225)

Entendi por gente (A) *loc. verb.* Passar a ter consciência das coisas. Fazer uso da razão. "Desde quando eu *entendi por gente* eu já conheci por nome Mosquito..." (Entr. 12, linha 81)

Entonce (A) *adv.* Então, nesse caso. "*Entonce* era assim... o pai de família ficava procurando aí () trabalhador coisa e tal né..." (Entr. 1, linha 160)

Especar (A) v. Espetado; dependurado. "... e agora botava aqueles corão de boi / que o couro de boi... de primeiro era tirado e... e *especado* na vara para secar" (Entr. 5, linha 457)

Espiari (A) v. Ver; visitar. "... trabalhei pr'os outro demais... agora os outros num vai fazer conta nem de vir me *espiar* ao meno." (Entr. 3, linha 7)

Espuletado (n/d) *adj.* Característica de quem é endiabrado; espertalhão. "... 'Espera aí que ocê me paga'... nêgo... nêgo era meio *espuletado* também..." (Entr. 4, linha 416)

F

Farinheira (n/d) s. Máquina manual ou elétrica em que se produz a farinha. "... eu tava mexendo com o motor né... () a *farinheira*... tem o motor... o motorzinho ()... e já tem *farinheira* à força () né... aí ela produz muito por dia..." (Entr. 1, linha 139)

Fazia a banca (n/d) *loc. verb.* Dar lucro. "... eu num trabalhei em terra minha também não... terra dos outros... eu dei muito lucro aos fazendeiro tudo... dei lucro / todo canto eu *fazia a banca* pra eles..." (Entr. 10, linha 239)

Fedegoso (A) s. Arbusto usado para fazer chá. "Olha... tinha um tal / tinha o *fedegoso*... tinha uma artelã... tinha puejo..." (Entr. 14, linha 161)

Feijão-catador (n/d) s. Tipo de feijão. "... aí num dá feijão não... só dá *feijão-catador*... é fava... agora o milho... quando era no quintal[e] tudo... dava milho..." (Entr. 8, linha 131)

Finado (A) s. Pessoa que faleceu, morto. "... o *finado* Juca Venâncio foi enterrado lá ó..." (Entr. 15, linha 16)

Findilizar (n/d) v. Finalizar; terminar. "... isso já aconteceu duas vezes né... o primeiro século foi *findilizado* com fogo... é... o segundo foi *findilizado* com água... pois bom... esse agora... diz que é com fome... peste e guerra né..." (Entr. 4, linha 316)

Fixa (A) s. Buraco ou fresta junto à travessa da porta. "Ela olhava pela *fixa* da porta ((risos))... e ocê de cá... num tinha

direito de ficar de junto uns dos os'outros não... quem era?... ela ficava de lá... ali... olhando por um buraco e o pai tava olhando também... " (Entr. 12, linha 148)

Folia de reis ~ festa de reis (n/d) s. Agrupamento de homens que saem pelas ruas no mês de janeiro, vestidos de branco e cantando, dançando e orando em homenagem ao dia de Reis. "Eles canta assim nas rua... nas casa da gente... aquela *folia de reis*... chama *folia de reis* né." (Entr. 2, linha 219) "*Festa de reis*... é... eles canta o reis seis dias... assim... sai cantando né... no dia seis de janeiro eles reza o terço e faz a festa." (Entr. 9, linha 75)

Folião (A) s. Aquele que acompanha e participa da folia de Reis. "É... evem os *folião*... vem os *folião* né... aquele povo com aquelas viola tudo enfeitadinha..." (Entr. 2, linha 221)

Forna (n/d) s. Tacho grande e raso onde se torra a farinha de mandioca. "Fazia... ó... farinha meu filho... eu vou falar... nós mexia a *forna* era mês e mês..." (Entr. 8, linha 137)

Forra (n/d) s. Liberdade; alforria. "... aí ela deu a *forra* pros negro... foi que os negro num ficou sendo escravo mais..." (Entr. 12, linha 186)

Forrar (A) v. Libertar; dar alforria. "... nesse tempo mamãe já era moçona... que ela lembra o dia que *forrou*... que foi aquele festão." (Entr. 6, linha 262)

Fundar (n/d) v. Ir ao fundo. Variante de afundar (Afundar > fundar – caso de aférese). "Ele faz um boi direitinho de pano... e um *funda* debaixo e sai na rua..." (Entr. 2, linha 229) "... aí moço o povo *fundou* nesses mato..." (Entr. 1, linha 340)

Fuso (A) s. Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. "... mamãe punha uma linha... enfiou no *fuso* / que eu (pus pé num *fuso*)... eu quero mandar fazer um *fuso* assim pra mim..." (Entr. 6, linha 316)

Fuxicar (A) v. Misturar; remexer. "Se eu perguntar pr'ocê... eu tou com a cabeça assim / minha cabeça *fuxicou* assim... eu tenho dois ano com outro registro." (Entr. 3, linha 51)

G

Galardão (A) s. Recompensa; honra, glória. "... esse sofrimento que eu tou falando... vai ganhar *galardão* de Deus... vai ganhar *galardão* com Deus..." (Entr. 10, linha 373)

Gamela (A) s. Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. "() lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer *gamela* pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira..." (Entr. 6, linha 136)

Gengiroba (n/d) s. Planta medicinal, tomada em forma de chá. "Nós tomava era noz-moscada *gengiroba* folha de laranja... ()... é esse o remédio nosso..." (Entr. 3, linha 217)

Goma (A) s. Substância viscosa que se extrai de vários vegetais, em especial da mandioca. "... aquele couro era para labutar em casa de roda... quem tinha... era para labutar em casa de moagem de cana... quem tinha... aquele couro era pra secar *goma*..." (Entr. 5, linha 459)

H

Harmônica (A) s. Instrumento musical. O mesmo que sanfona, acordeão. "Era festa de tocação de *harmônica*... nem violão num tinha... era tocar *harmônica*." (Entr. 14, linha 111)

I

Imbigo (n/A) s. Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigo – caso de assimilação). "... quando eles cortava *imbigo* a gente fazia era azeite... () pra passar no *imbigo*... e era assim... aí com três dia... quatro... o *imbigo* caía.." (Entr. 9, linha 123)

Inté (A) *prep.* Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). Cf. **anté**.

"... () qu'eu tou aí com Deus... *inté* hoje... ainda vejo muita coisa..." (Entr. 8, linha 284).

Intimidade (n/d) *s.* Falta de alguma coisa; necessidade. "... hoje nós tomo aqui numa situação... tá tendo fartura e a gente sentindo muita *intimidade* das coisa. / Entr.: "Faltando as coisa". / Inf.: "Que num tem dinheiro". (Entr. 12, linha 49)

Intiriçado (n/d) *adj.* Relativo a teso, rígido. Variante de inteiriçado (inteiriçado > intiriçado – caso de monotongação. "... chegou lá eu tava *intiriçado* em riba da cama sem poder andar pra terra nehuma..." (Entr. 7, linha 358)

Intradição (n/d) *s.* Transmissão de lendas e costumes através das gerações. Variante de tradição (tradição > intradição – caso de prótese). "É... os mais velhos foram morrendo... uma parte da meninada / aconteceu que num aprenderam... num aprenderam essas *intradição* e nem seguiu as *intradição* velha..." (Entr. 5, linha 393)

Intrás (n/d) *adv.* Na retaguarda, após. Variante de atrás (atrás > intrás – caso de alçamento com nasalização). "Intrás dessa rua tem um córrego". (Entr. 13, linha 79)

Inutilizar (n/d) *v.* Tomar, levar. "... a sanfona era bonita... e afinal de contas um camarada me... me *inutilizou* ela de mim... ele comprou e num pagou... é... perdi meu... meu dinheiro." (Entr. 4, linha 134)

Invernada (A) *s.* Pastagem cercada para dar descanso aos cavalos, bois, vacas e bezerras após longa jornada de trabalho. "... acontecia dá caso... dá estória de contar... boi valente... boi de *invernada* difícil né." (Entr. 5, linha 548)

Izabelê (n/d) *s.* Ave de caça, bem colorida, de asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada e a cabeça e parte de trás do pescoço meio avermelhada; jaó. Variante de zabelê (zabelê > izabelê – caso de prótese). "*Izabelê*... é um pássaro tipo uma galinha... ela num senta em pau não... ela vive no chão..." (Entr. 5, linha 661)

J

Jacu (A) *s.* Ave de caça que se assemelha a uma galinha, mas ao contrário destas, vivem nas árvores. Possuem a cauda e o corpo alongados e o bico curto, se alimentando de folhas e frutos. "Pegava um canto de mata aí e *jacu*... ocê ficava com medo da jacuzada... o *jacu* é um passarinho grande... o *jacu* é um passarinho grande assim... mais de que um urubu..." (Entr. 5, linha 654)

Jacuzada (n/d) *s.* O coletivo de jacu. "... pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da *jacuzada*..." (Entr. 5, linha 654)

L

Labutar (A) *v.* Trabalhar duro em uma atividade repetitiva. "... aí nós tava até na casa da roda *labutando* com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno..." (Entr. 8, linha 244)

Lambu (A) *s.* Ave de caça, sem cauda, de pernas curtas e fortes, também conhecida como inhambu, nambu, inambu. "... na época que tinha aqui... tinha jacu... tinha izabelê... tinha juriti... tinha a *lambru*..." (Entr. 5, linha 688)

Lapinha (A) *s.* Laje natural ou de cimento e que forma um abrigo. "É... e o de lá de baixo daquele túnel... que tem lá aquela igrejinha / aquela *lapinha* que teve... ali é São Vicente..." (Entr. 2, linha 176)

Legalista (n/d) *s.* Designação dada pelos habitantes locais às tropas do governo federal que estavam no encalço da Coluna Prestes em 1926. "*Legalista*... os que andava perseguindo os revoltoso era assim... era praticamente coliado moço..." (Entr. 4, linha 496)

Lote-de-burro (n/d) *s.* Cada conjunto de dez animais cargueiros em que se dividem as tropas de carga. "... meu

pai... quando morreu... ele deixou um *lote-de-burro* pra mim... é dez burro arreado né... é dez burro..." (Entr. 6, linha 216)

Luitar (A) v. Trabalhar duro. (luctare > luitar > lutar). "... e eu fui *luitando* com isso... *luitando*, *luitando* até Deus me ajudou que eu tou aqui..." (Entr. 7, linha 347)

Lumiar (n/A) v. Tornar claro algum lugar. Variante antiga de alumiar (alumiar > lumiar – caso de aférese). Cf. **alumiar**. "... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor... e botava as candeia pra *lumiar*." (Entr. 6, linha 13)

M

Mafabeto (n/d) s. Pessoa que não foi escolarizada (*mal + alfabeto > malafabeto > mafabeto) "A minha profissão () da minha profissão... fiquei *mafabeto*... eu fiquei *mafabeto* por isso... porque no meu tempo num deu pra estudar..." (Entr. 10, linha 121)

Mais (A) *prep.* Com; em companhia de. "É... esse velho mesmo que morou *mais* nós... era vizinho lá *mais* nós na roça..." (Entr. 4, linha 412)

Manaíba ~ maniva (A) s. O caule da mandioca. A parte que se planta. "É pois é... a mandioca é da *manaíba*... depois planta... agora aí dá a mandioca e a gente faz a farinha." (Entr. 11, linha 246) "... era trabalhar na roça... fazer roça... plantar feijão... *maniva*... pra gente fazer farinha né..." (Entr. 1, linha 3)

Mandacaru (n/d) s. Espécie de peixe. "... e nossos irmão foi pescar... aquele *mandacaru*... o senhor conhece?" (Entr. 6, linha 307)

Mandruscada (n/d) s. Mistura de ervas para fazer chá; Raizada. "É... óleo de mamona... ia lá pegava o óleo... fervia uma água... botava ali umas *mandruscada* dentro... () né... botava um pouco de fedegoso... fazia um copo duplo e o camarada quebrava aquilo..." (Entr. 1, linha 480)

Manga (A) s. Pastagem cercada próxima à casa da fazenda, especialmente preparada para guardar o gado. "Até ali eu

conheci aquilo ali... uma *manga* só de capim..." (Entr. 5, linha 293)

Marambaia (n/A) s. Espécie de renda produzida no norte de Minas Gerais. "Eu faço renda... eu faço crochê... () faço franja... eu faço ponto de cruz... eu faço bordado... eu faço até ()... eu faço *marambaia*..." (Entr. 6, linha 22)

Maria Tereza (n/d) s. Fantasia grande de mulher, usada por alguém com a finalidade de sair pelas ruas desfilando, em festa local. "*Maria Tereza* era uma mulherona vestida de... faz uma mulherona... vestia uma saiona e o boi-janeiro né... havia essas festa aí..." (Entr. 15, linha 227)

Marruê (n/d) s. Touro ou novilho bravo. Variante de marruá (marruá > marruê – caso de dissimilação). "... se ocê num ver um cachorro um jegue ou qualquer coisa ou um *marruê* o senhor conta..." (Entr. 7, linha 482)

Matutagem (A) s. Massa feita de mistura de raízes com esterco de gado, usada amarrada, junto ao corpo, em locais doloridos. "... se ela tivesse sofrendo de resfriagem... resfriagem... era buscar alecrim... alecrim... esse outro... arruda... essas coisa e fazia uma *matutagem* assim misturada com esterco de gado... passava nesses trem tudo... e botava um pano... e botava em riba daquela dor... daquela resfriagem dela e marrava... era criado assim." (Entr. 10, linha 436)

Miuchinho (n/d) *adj.* Que é simples; pequeno. "... é... um caminhãozinho... um chevizinho... aqueles caminhãozinho antigo... *miuchinho* né... num é esses carrão que tem hoje não..." (Entr. 4, linha 651)

Mode ~ modo (n/d) *adv.* A fim de; para. "... me escreveu pra tornar a voltar lá... pra resolver... *mode* eu namorar a outra menina..." (Entr. 4, linha 75) "... que ela levava um carrinho de mão *modo* eu tirar uma lenhazinha prali..." (Entr. 7, linha 373)

Montoeiro (n/A) s. Montão; quantidade. "... e tinha noite que dava falta de ar... eu amanhecia assim ó... com aquele *montoeiro* de travesseiro..." (Entr. 8, linha 282)

Mosquito ~ mosquitinho (A) s. Brilhante miúdo, encontrado no fundo do rio. "Rio Mosquito... mas porque que ele era rio

Mosquito?... porque nesse tempo a correnteza era bonita e tinha muita areia / achava aqueles *mosquitinho* / falava *mosquitinho* / um brilhante na areia... no fundo do rio. / Entr.: "Ah tinha brilhante!" / Inf.: "Tinha... então a gente falava era *mosquito*... 'ó o *mosquitinho*'... o que achava ali / aqueles *mosquitinho* / falava era *mosquitinho*." (Entr. 13, linha 57)

Mucado (n/d) *pron.* Tanto; quantidade indefinida. "... eu namorei um *mucado* de moça..." (Entr. 4, linha 81) "É... eu fiquei morando ali um *mucado* de tempo..." (Entr. 2, linha 31)

Mudernagem (n/d) *s.* Juventude; mocidade. "... é o que nós tomo enxergando... muita gente num... num... num tá / que num alcançou aqueles tempo / essa *mudernagem* né... mais esse povo mais antigo..." (Entr. 4, linha 319)

N

Novata (n/d) *s.* Juventude; mocidade. "... aqueles povo mais velho assim que nem eu... envergonhoso... a *novata* pode até acompanhar... mas o povo de meia idade que tem a nação / de meia idade pra trás né... esse povo num vai aceitar..." (Entr. 10, linha 336)

O

O pau moendo (n/d) Fraseologia. Prosseguimento de alguma coisa; continuidade de algo. "Eles faz um boi direitinho de pano... e um funda debaixo e sai na rua... bota chifre bota () bota tudo né... e sai na rua a cantar e o *pau moendo*..." (Entr. 2, linha 230) "E cantava assobiava e o *pau tava moendo*." (Entr. 1, linha 71)

P

Paio de milho (n/d) *s.* Construção próxima à casa da fazenda onde é armazenado o milho seco. "... tinha um paiolzinho que / um paiolzinho que usava / botar um *paio de milho*... fazia um paiolzinho pra botar / pra botar milho / pra criação comer na seca né." (Entr. 10, linha 73)

Paiosca (n/d) *s.* Espécie de cabana coberta de palha; palhoça. "É no campo... inventaram essa *paioasca* aí... nesse... nesse () ... e... e aí... fizeram esse promo lá de paia e já tem esse outro novo aqui..." (Entr. 5, linha 325)

Pano-de-bunda (n/d) *s.* Roupa de casamento; enxoval. "É... marcava o dia da data né... um padre era difícil na época pra vim aqui né... difícil... de quatro em quatro meses...'() ... Vamo marcar hoje... vamo marcar hoje'... marcava hoje mesmo... aí () comprava os *pano-de-bunda*... ((risos))... ficava esperto aí... quando chegava o dia (fazia aquela festa bonita né)..." (Entr. 1, linha 171)

Parambeira (n/d) *s.* Precipício, abismo. Variante de pirambeira (Pirambeira > parambeira – caso de assimilação). "... e com essa perna quebrada eu fui assim na *parambeira*... eu fui cortar de machado... depois meu pé prancheou e tinha umas moita de espinho terrível assim... e eu ainda olhei pras moita de espinho..." (Entr. 7, linha 352)

Parelha (A) *s.* Par de alguns animais, em especial de gado e cavalos. "... tinha uma *parelha* de boi muito grande... uns boião esgueirado..." (Entr. 4, linha 673)

Parteira (A) *s.* Mulher que ajuda no trabalho de parto. "... as mulher lá chamava as *parteira* e pegava o filho né... e nunca foi no médico..." (Entr. 1, linha 531)

Patação (A) *s.* Moeda antiga de prata usada no Brasil. "... enterrava prata e ouro naquele tempo... que era o dinheiro que tinha... é *patação* de prata que eu conheci..." (Entr. 4, linha 552)

Pé-de-bode (A) s. Intrumento musical. Pequena sanfona de oito baixos, bem mais simples que um acordeão. "É... aprendi mexer / tocar sanfoninha... *pé-de-bode*..." (Entr. 4, linha 121)

Pedir um arrogo (n/d) *loc. verb.* É o mesmo que pedir arrêgo; dar-se por vencido. "... e este tantinho que eu já aprendi pois tem se servido... tem me servido porque ao menos me livra de *pedir um arrogo*..." (Entr. 5, linha 88)

Peguei (A) v. Começar, principiar. "... *peguei* a comer muita comidinha fraca..." (Entr. 2, linha 509) "*Peguei* trabalhar ni casa de família..." (Entr. 14, linha 93)

Pessuir (n/A) v. Ter; adquirir; comprar. "... meu pai nunca *pessuiu* terra não..." (Entr. 5, linha 129)

Pilão (A) s. Espécie de vaso de madeira onde se pila e descasca arroz, milho, café etc. "... agora a gente compra é o saco de arroz limpinho... e nesse tempo num era meu filho... era tudo pisado no *pilão*... o café era pisado tudo no *pilão* pra poder beber..." (Entr. 14, linha 198)

Pinga (A) s. Bebida alcóolica destilada da cana de açúcar; cachaça. "... era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura... o povo / de vez em quando tomava uma *pinguinha*..." (Entr. 1, linha 465)

Piar (A) v. Pear; prender com peias; amarrar com corda. "... pegou essa nega moço e *piou*... tirou a roupa dela todinha e *piou* ela bem piada... amarrou as mãos... amarrou as pernas e... () e botou lá dentro do forno..." (Entr. 4, linha 438)

Pirão (A) s. Mingau ou papa grossa feita de farinha de mandioca. "... o joelho tava pr'aquí assim... as perna inchava... podia fazer aqueles *pirão*..." (Entr. 4, linha 351)

Piti (n/A) s. O cipó do alho. "E eu acho que ela tinha mesmo cem ano... mas mãe era durinha igual um *piti*..." (Entr. 2, linha 433)

Pitimhado (A) *adj.* Enfermo; sem vigor físico. "... é moço eu já sofri na minha vida... é... e ainda num sarei não... tou aí ainda *pitimhado*." (Entr. 7, linha 88)

Planta (n/d) s. Memória; lembrança. "... eu era molecote mas tenho isso na *planta* toda vida... tenho isso na *planta* porque / quando eu tinha oito ano..." (Entr. 10, linha 230)

Plataforma (A) s. Fantasma; assombração. "Eu tive medo... quando teve uma vez apareceu uma *plataforma* perto da casa da gente... nós correu... o povo quase morre de medo... mas minha mãe cabou tudo com reza." (Entr. 14, linha 398)

Pocar (A) v. Rachar; estourar; pipocar. "... aí moço diz que todo ano essa carneira *pocava* e saía aquele fio de cabelo na / no caixão da carneira né." (Entr. 7, linha 470)

Purgante (A) s. Óleo extraído de alguns vegetais, entre eles a mamona ou de gordura animal e usado como remédio caseiro. "... num tinha remédio assim... muito comprimido não... mais era chá... era uns *purgante*." (Entr. 14, linha 168)

Q

Quebra (n/d) s. Armadilha; engenho para pegar pequenos animais. "Tinha... tinha... fazer *quebra* também no mato. / Entr.: "Fazer quebra?" / Inf.: "É... pra pegar / o laço... pegar / fazer um *quebra* aqui... aquela armadilha / pegava aquela vara comprida assim... fazia armadilha de cá e agora arribava aquela vara e armava..." (Entr. 7, linha 256)

Quermesse (A) s. Festa geralmente ao ar livre, com leilão de prendas em benefício da paróquia. "... em festa aqui eu fazia sucesso em *quermesse*... e dançava muito bem..." (Entr. 2, linha 331)

R

Ramo fraco (n/d) s. Pessoa pobre, sem riqueza material. "... meu pai era um *ramo fraco*... só tinha a graça de Deus..." (Entr. 4, linha 660)

Rancheira (A) s. Dança popular na região. "... tudo sei dançar... revoltosa... tuinga / ninguém dança mais né... *rancheira* / esse povo mais novo aí... () ensinar lá no sindicato né... pra dançar lá no festival." (Entr. 6, linha 106)

Rancho (A) s. Cabana provisória feita no mato ou nas roças, geralmente de palha. "... muita gente mudou pro mato... () fez *rancho* dentro da mata né..." (Entr. 4, linha 464)

Rapariga (A) s. Mulher nova; moça. "... quando foi de noite meu marido foi () comprar um açúcar e uma *rapariga* veio e () quebrei o resguardo..." (Entr. 3, linha 105)

Rastel (n/d) s. Espécie de rede para tirar os peixes da água. "A gente tava vindo da lagoa e fazia aquele *rastel* pronto pra puxar os peixe..." (Entr. 1, linha 239)

Rebuçado (n/d) s. Maço; molho; feixe. "... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo... fizeram aquele *rebuçado* de capim..." (Entr. 4, linha 418)

Réis (A) s. Moeda usual no início do século passado; plural de real. "... de primeiro era mi[l] *réis*... ocê ia as vez com vinte mi[l] réis ou quinze ou o quanto que for..." (Entr. 8, linha 176)

Renca (n/d) s. Linha, fileira, alinhamento de pessoas ou coisas. Variante de renque. "Vai... ih mas só ocê ver a *renca* de gente que vai atrás." (Entr. 7, linha 223)

Requerer (A) v. Denunciar alguém por algum crime. "... bandido entrou na minha casa... Deus me ajudou qu'eu *requeri* ele..." (Entr. 10, linha 321)

Rês (A) s. Cabeça de gado. "... juntava cada uma... cada uma junta daquela era uma *rês* né... fizeram uma bezerra... fizeram uma vaca... fizeram um touro..." (Entr. 4, linha 33)

Revoltoso (n/d) s. Nome que se dá na região de Águas Vermelhas à Coluna Prestes que por lá passou no ano de 1926, causando pavor e morte aos moradores. "... pegava as coisa e escondia o povo tudo lá dentro daquela mata... mode os *revoltoso* não atacar né." (Entr. 1, linha 649) "É... era... tinha os *revoltoso* que invadia mesmo... tinha os *revoltoso*... depois dos *revoltoso* tinha os cigano... tinha os cigano... tinha os

cigano... o *revoltoso* vinha destruindo panhando / se mexesse eles matava..." (Entr. 10, linha 219)

Rezeiro (n/d) s. Aquele que canta na festa de Reis. "Tinha o re[i]s... todo ano tinha um *rezeiro* que vinha cantar... saía de casa em casa cantando..." (Entr. 10, linha 276)

Riba (A) adv. Em cima de algum lugar. "... passando arreio nas costa... em *riba* d'umas pinguela de pau né..." (Entr. 4, linha 200)

Roda (n/d) s. Máquina de fiar linho; variante de roda de fiar (roda de fiar > roda – caso de eclipse). "Era tear da ()... nós hoje chama *roda*." (Entr. 1, linha 62)

Rodagem (n/d) s. Estrada de carros, rodovia. "... daqui pra Águas Vermelhas num tinha *rodagem* não. / Entr.: "Num tinha estrada nenhuma?" / Inf.: "Num tinha rodagem não..." (Entr. 1, linha 346)

Romper (A) v. Andar na frente; sair antes de outra pessoa. "... eu falei: 'Não... ocê pode ir *rompendo* que eu vou com o cacetinho e Deus me ajuda que eu chego lá'... aí ela *rompeu*... 'Ô senhor () mas vão embora!'... eu falei: 'Não... vá *rompendo* e eu lhe acompanho'..." (Entr. 7, linha 377)

S

Seguimento (n/d) s. Festa após o casamento. "... aí o dia que ele casou... eu... () fez um favor né... todo rapaz que um dia casasse tinha um *seguimento* né." / Entr.: "{Tinha o que?}" / Inf.: "{Um forró}... fazia um forró... um churrasco né." (Entr. 4, linha 107)

Senhorinha (A) s. Diminutivo de senhora. "... minha mãe: 'Beto... cê num tem medo de matar esses menino seu de comer não?'... 'Ô *senhorinha*... num mata não... Deus num deixa morrer não...' (Entr. 12, linha 316)

Sinhá (A) s. Feminino de sinhô; a dona da fazenda. "... pegaram esses nego moço... a mulher... a patroa... a *sinhá*..." (Entr. 4, linha 422)

Sobrescrição (n/d) s. Certidão de óbito. "... Deus confiou em mim catorze filho... morreu cinco... esses cinco Deus num deixou tirar *sobrescrição* pra enterrar..." (Entr. 10, linha 147)

Suaiada (n/d) *adj.* Que tem o piso de tábuas. Variante de assoalhada (assoalhada > suaiada – caso de aférese, alçamento, e vocalização da lateral palatal. "... aquela casa que é de dona Diva... aquela casa / ês chamava *suaiada*... eles falava que era *suaiada*... casa de taco... e levantava a casa por baixo ficava ocado..." (Entr. 2, linha 134)

Sura (A) *adj.* Que não tem cauda ou que apresenta somente o cotó. "É... uma galinha *sura*... ocê via uma galinha *sura*... via uma izabelê né." (Entr. 4, linha 303)

T

Taca (A) s. Espécie de bastão cheio de argolas usado para surrar os escravos. "... aí veio um lá... com uma *taca* cheio de argola sacudindo assim... 'Porque que esse () num panha?'... e puxou a *taca* na cacunda do velho..." (Entr. 12, linha 195)

Tiçar (n/d) v. Arremessar, jogar. Variante de atiçar (atiçar > tiçar – caso de aférese). "... daí a pouco tá todo mundo abrindo sepultura... () esse velho... *tiçou* lá dentro do buraco e enterrou..." (Entr. 12, linha 202)

Tigurezinho (n/d) s. Espécie de peixe miúdo, de cor branca. Variante de timburé. "... só num tinha surubim aqui nesse rio... mas no mais esses peixinhos... o curumatá... opiau... piabanha... uma tal de piapara e... traíra... bagre... tinha tudo quanto era peixe... tinha uns *tigurezinho* branco... um peixinho pequenininho assim... era o melhor peixe que tinha dentro desse rio... esses *tigurezinho* né.." (Entr. 4, linha 208)

Topar (A) v. Encontrar, achar. "... outra hora cê *topa* com ele na estrada..." (Entr. 5, linha 589)

Tostão (A) s. Designação de moeda em geral; dinheiro. "... deve tá lá embaixo do chão... mas que vem... vem... tenho certeza... certeza que vem... se ficar devendo um *tostão*..." (Entr. 12, linha 264)

Traçadá (n/d) s. Planta de folhas compridas e entrelaçadas que cresce normalmente às margens do rio. "... o rio aí era sujo... era cheio d'um mato que a gente enfrentava... *traçadá*... *traçadá*..." (Entr. 2, linha 147)

Transferir (n/d) v. Possuir, adquirir. "Meu pai tinha... meu pai... meu pai *transferiu* né... meu pai *transferiu* três famílias né... meu pai *transferiu* três famílias..." (Entr. 10, linha 53)

Tropa (A) s. Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. "... aqui já teve muita fartura... *tropa* e mais *tropa* entrava () na rua da Fé... panhava um negócio ali e levando pra Bahia." (Entr. 12, linha 25)

Tropeiro (A) s. Condutor de tropas de carga; arrieiro. "... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o *tropeiro* que é esse... o homem que eu tou contando que derrubava os burro..." (Entr. 5, linha 537)

Tropicar (A) v. É o mesmo que tropeçar. "... que aqui mesmo a gente tá *tropicando* neles aí na rua..." (Entr. 2, linha 688)

Trucisco (n/d) s. Raiz usada como remédio. "... aí peguei arrancar o *trucisquinho* né... o *trucisco* é uma raiz que tem nesses mato aí... peguei usar na pinga..." (Entr. 4, linha 351)

U

Urdir (A) v. Tecer; entrelaçar os fios. "Fazia um novelão grande... a minha avó chamava *urdir*... *urdia* aquilo... ocê lembra disso... () chamava tial né..." (Entr. 1, linha 83)

Urupuca (A) s. Armadilha feita de pequenos pauzinhos em forma de pirâmide para apanhar pássaros. Cf. **arapuca**. "Ah naquele tempo num tinha o que fazer não... (brinquedo) era bodocar... fazer *urupuca* né..." (Entr. 1, linha 101)

V

Vadiar (A) v. Brincar; divertir. "Não... nós nunca fazia boneca não... meu pai num deixava nós *vadiar* com boneca não..." (Entr. 3, linha 16)

Valar (A) v. Escorrer através de valas. "É buraco... onde *valava* as enxurrada né..." (Entr. 5, linha 184)

Vaqueiro (A) s. Guarda ou condutor de gado. "... ficava um *vaqueiro* sozinho naquele trecho pra cuidar daqueles boi... e assim () era boiada na estrada..." (Entr. 5, linha 547)

Vau (A) s. Trecho raso do rio onde se pode passar a pé. "Ah... esse rio quando era ocasião das água mesmo... seis meses... ninguém tinha condição de passar nele... num dava *vau* em canto nenhum né..." (Entr. 4, linha 198)

Vendeiro (A) s. Dono de venda. "... o *vendeiro*... é... o *vendeiro*... o velho que eu costume comprar na mão dele." (Entr. 12, linha 330)

Vultado (n/d) s. Fantasma; vulto. "... ele saiu da cova e... aí virou bicho... e ficou na cidade... e o *vultado* atentando a família e cumendo tudo que tinha nas fazenda..." (Entr. 5, linha 579)

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A ciência da lexicografia*. São Paulo: Alfa, v. 28 p. 1-26, 1984.
- BLUTEAU, Padre Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BORBA, Francisco Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça *et alii*. BTLH – Banco de textos para pesquisa em lingüística histórica (1999) – Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, Baía [10? de abril] de 1549, p. 110 – FALE/UFMG.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ESQUIVEL, Francisco Manuel Carriscondo. *La lexicografía en las variedades no-estándar*. Jaén: Universidad de Jaén, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente rev. e ampli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- HAENSCH, Günter *et alii*. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- KRIEGER, Maria da Graça. *Lexicografia: o léxico no dicionário*. In: SEABRA, Maria C. T. Costa de. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG; 2006.
- MINAS Gerais Meso Micro Municípios. WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 25 jul. 2007.
- PORTUGALIAE Monumenta Histórica. Códice 79, vol. 1, fol. 28. Disponível em: <<http://www.irib.org.br/portugaliae/pmhv.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2008.
- SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2008.

VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

WERNER, Reinhold. *La Lexicografia*. Madrid: Gredos, cap. 6, p. 294-328, 1982.

**Publicações Viva Voz de interesse
para a área de estudos do léxico:**

Estudos do léxico

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

**Nomes de estabelecimentos comerciais em
Belo Horizonte v.1**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

**Nomes de estabelecimentos comerciais em
Belo Horizonte v.2**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

Glossário de termos de edição

Sônia Queiroz (Org.)

Glossário de termos de edição e tradução

Sônia Queiroz (Org.)

As Publicações Viva Voz estão disponíveis

também em versão eletrônica no *site*:

www.let-ras.ufmg.br/site/publicacoes/publicacoes.htm

v
v v
v v
viva voz